

ALEGRIA É DEVOÇÃO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

MICHAEL IYANAGA

Alegria é devoção

Sambas, santos e novenas numa
tradição afro-diaspórica da Bahia

EDITORA
UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Iy1a Iyanaga, Michael
Alegria é devoção : sambas, santos e novenas numa tradição afro-diaspórica da Bahia / Michael Iyanaga. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2022.

1. Samba. 2. Reza. 3. Canto. 4. Catolicismo. 5. Diáspora africana. I. Título.

CDD – 248.32
– 783
– 280.2
– 305.89608

ISBN 978-85-268-1555-1

Copyright © Michael Iyanaga
Copyright © 2022 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste livro são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Para Fabiana e Marielle Doú.

AGRADECIMENTOS

Quando abro um livro como este pela primeira vez, nunca pulo os “Agradecimentos”. Isso porque, salvo engano, sempre me sinto mais próximo do autor ou da autora ao saber a quem essa pessoa agradece. Ou seja, eu levo muito a sério os “Agradecimentos”. Demorei quase um ano para escrever estas poucas páginas. Afinal, devo agradecimentos a tantas pessoas – mas a tantas pessoas! –, que não quis me esquecer de ninguém. Mas me esqueci. Sei que me esqueci. Pois não só devo agradecimentos somente a pessoas, como também a instituições – especialmente a instituições financeiras como a Fulbright, a Teachers Insurance and Annuity Association of America and College Retirement Equities Fund (TIAA-Cref), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a University of California, Los Angeles, e a universidade William and Mary – que são dirigidas por pessoas que nunca conheci. E são muitas pessoas que conheci ao longo dos anos – aliás, de décadas –, que contribuíram para este livro. Isso inclui os funcionários e funcionárias de algumas instituições nas quais encontrei importantes documentos históricos: Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Fórum Teixeira de Freitas, Arquivo Público do Estado da Bahia e Fundação Pierre Verger.

Bem, vamos às pessoas. Sou eternamente grato àquelas que abriram suas casas, suas bocas e seus corações para que eu pudesse aprender um pouco sobre suas devoções e suas vidas. Quero começar com as

minhas “tias/madrinhas”, Dona Gaída, Dona Cleusa, Dona Ivone e Dona Leninha (em memória), além de minha comadre Quei, Dona Vera, Dona Val, Jaci, Édson, Maria, Jorge, Joelma e Mel. Além de adotarem minha família de uma forma tão carinhosa que até hoje não consigo acreditar, vocês continuam nos ensinando muita coisa sobre a vida e as suas caras tradições. Também sou grato ao meu amigo Charles Chaplin. Nunca poderei esquecer a sua amizade nem o seu acolhimento. A Neide, Reginaldo (em memória) e toda sua família no KM 25, agradeço pela ajuda e pela hospitalidade. Sempre pude contar com vocês. Quando eu ia para Muritiba, meu destino certo era a casa de Dona Adélia e Seu Bole, duas pessoas que, além de extremamente acolhedoras, estavam sempre dispostas a ensinar-me sobre a música e os mistérios do mundo espiritual do Recôncavo. Agradeço também a Santo e Dona Maria, em cuja casa na zona rural de São Félix passei tantas tardes conversando, almoçando e aprendendo. Dona Maria, sua eloquência ao falar sobre sua devoção e sua tradição – além de sua bela voz – nunca deixou de me impressionar.

Sou eternamente devedor às rezadeiras que gastaram seu tempo para me falar sobre seu dom, e que sempre se dispuseram a me levar a tantas rezas. Em particular, agradeço a Dona Coleta, Dona Maria e Dona Dé. Também quero expressar minha infinita gratidão aos grupos de samba cuja música ainda me traz uma alegria sem tamanho – os Filhos de Nagô, a Esmola Cantada, o Samba de Suerdieck, a Sensação do Samba e os Filhos do Caquende. Em particular, são inesquecíveis a ajuda e o carinho de Mário dos Santos (em memória), César do Samba, Meire da Esmola Cantada, Dra. Dona Dalva e Any Freitas, Dona Bibi da Casa da Cultura em São Félix, Seu Toninho do Pilar, Vianna e Danilo Sacramento.

Da mesma forma, sou grato às pessoas que me abriram as portas de suas casas, permitindo que eu gravasse e documentasse suas devoções, não raramente repetidas vezes, e que também tomaram seu tempo para conversar comigo sobre suas rezas e suas vidas. Em São Félix, Dona Meire (em memória) e Nega, Seu Zé Rurbânio, Dona Tânia, Dona Irá e Dona Dora; em Cachoeira, Dona Ivone, Dona Sinhá e Dona Filhinha;

no KM 25, Dona Cecília e Dona Carminha (e Seu Kiko); a família de Sérgio no Pilar; Seu Rezinho no Dinheiro Velho (em memória); Dona Maria Reis em Itaberaba; Dona Martinha em Muritiba; Dona Zelita em Saubara (em memória); Seu Messias em São Braz; Dona Cilu na Opalma; e Dona Maria em Salvador. Quero também agradecer às pessoas que, com disposição e carinho, compartilharam comigo suas experiências com o divino: Dona Dezinha em São Félix, Dona Adélia no KM 25 e Dona Augusta, Dona Marilza e Seu Délcio em Salvador.

Desde 2013, ano em que defendi a tese que serviu de base para a redação deste livro, o número de pessoas acadêmicas a quem devo agradecimentos só multiplica. Porém, começo por agradecer a Tony Seeger. Tony, obrigado por tudo, não só por ter aceitado orientar a tese tantos anos atrás como também por ter continuado a me dar conselhos, apoio e inspiração mesmo depois de formado. Também sou grato aos outros professores e professoras da University of California, Los Angeles (onde fiz mestrado e doutorado) cuja influência – citada nas referências bibliográficas ou não – encontra-se espalhada pelo livro: Robin Derby, Jacqueline Cogdell DjeDje e Steven Loza (que compuseram, junto com Tony Seeger, a minha banca examinadora), além de A. J. Racy, Andrew Apter, Donald Cosentino, Helen Rees, Kevin Terraciano, Roger Kendall (em memória), Roger Savage, Sherry Ortner, Tim Taylor e Tim Rice. Também estudei na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na qual consegui um orientador e uma orientadora informais, que ainda acompanham minha trajetória, pelos quais sinto profunda gratidão: Pablo Sotuyo Blanco e Angela Lühning. Outros(as) professores(as) e profissionais que, de uma forma ou de outra, me ajudaram na pesquisa e/ou na escrita da tese foram: Brian Brazeal, Elizabeth Travassos (em memória), Hendrick Kraay, Lisa Castillo, Manuel Veiga, Martha Ellen Davis, Nicolau Parés, Ralph Waddey (em memória), Sonia Chada, Suzel Reily, Wlamyra Albuquerque, Xavier Vatin. Há, ainda, quatro pessoas que intervieram durante a minha graduação às quais não posso deixar de agradecer: Ana Paula Ferreira, Fernando Oliveira, Randal Johnson e Robert Garfias. Depois de defender a tese, mudei-me para Recife e

fui convidado por Roberta Campos e Mísia Reesink para fazer parte do seu grupo de pesquisa, “A Geopolítica da Antropologia da Religião”, concedendo-me também uma de suas bolsas de pós-doutorado da Capes. Nesse processo, aprendi muito sobre antropologia da religião e antropologia do Norte e do Nordeste, conhecimento que permitiu que eu me aproximasse ainda mais do estudo do “catolicismo popular” no Brasil. Também agradeço a Lady Selma Ferreira Albernaz, que me acolheu ao me chamar para dar uma oficina sobre a “antropologia musical”. Paralelo a isso, Alice Lumi Satomi, do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, me convidou para dar uma disciplina de pós-graduação sobre métodos históricos, momento que facilitou que eu finalmente consolidasse o que entendia como etnomusicologia histórica. Os frutos dessas leituras e reflexões estão por toda parte deste livro. Alice e sua família terão sempre minha gratidão pelo acolhimento e pelos ensinamentos profundos sobre inúmeras coisas.

Viro, agora, minha atenção para pessoas que conheci enquanto colegas em instituições ou congressos, ou em algum outro lugar da vida, que foram importantes para minha trajetória e para este livro: Aaron Bittel, Amalia Mora, Andy Pettit, Ann Lucas, Benedito Ferrão, Bernardo Rozo, Betsy Konefal, Bill Fisher, Cacau Celuque, CedarBough Saeji, Cécile Fromont, Charles Exdell, Danillo Barata, Dave Dominique, Dave Wilson, Denise Botelho, Djavan Lima, Elga Lessa, Ester Monteiro, Fabiana Pereira, Fábio Leão, Fabrício Dalla Vecchia, Fabrício Prado, Flávia Diniz, Francisca Marques, James Padilioni, Jennifer Bickham-Mendez, Jessie Vallejo, John Riofrio, Jorge Lampa, Juan Diego Díaz, Kate Wiens, Katie Stuffelbeam, Kaleb Goldschmitt, Laura Bezerra, Lauren Poluha, Lia Lordelo, Luciano Caroso, Luciano Simões, Luís Henrique Leal, Macello Medeiros, Max Katz, Michael Birenbaum Quintero, Mike Silvers, Naara Santos, Pedro Amorim Filho, Raiana Maciel, Rebecca Dirksen, Renata Gomes, Rogério Costa, Ron Conner, Rosana Moore, Rudy Nguyen, Sérgio Brito, Shannon McCabe, Silvana Matos, Tatiana Lima, Thaís Brito, Urano Andrade, Walter Mariano e Wlamir Junior.

Além dessas pessoas, quero dar destaque a alguns nomes que, além de me brindarem com sua amizade, transformaram, de forma concreta, este livro, seja pelas sugestões e críticas específicas que fizeram, seja pelos diálogos que mantiveram comigo e que influíram profundamente na minha maneira de pensar ou de escrever: Anne Rasmussen, Armando Castro, Brian Hulse, Cássio Nobre, Jennie Gubner, Julius Carlson, Laila Rosa, Nolan Warden, Richard Turits, Rodrigo Heringer, Solon Mendes, Veronica Pacheco.

Há ainda duas pessoas para as quais quero chamar uma atenção especial: Carlos Sandroni, cujo trabalho acompanho desde quando me entendo por etnomusicólogo-aprendiz, tem sido um guia e uma inspiração há anos. Tal fato se faz evidente nas páginas deste livro – não só nas referências bibliográficas como em algumas abordagens. Quando eu o conheci, ele sentou-se comigo e me disse o quanto achava importante o trabalho que eu estava apenas começando a realizar. Carlos foi umas das primeiras pessoas a acolher minha família quando chegamos em Recife e foi ele que me colocou em contato com seus colegas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Associação Respeita Januário. E as suas intervenções positivas continuam, pois Sandroni aceitou o convite para escrever a orelha deste livro. A outra pessoa à qual sou profundamente grato é Katharina Döring. Eu conhecia o trabalho de Katharina bem antes de conhecê-la pessoalmente. Além disso, não havia um só sambador ou sambadeira que não mencionasse o nome dela para mim quando iniciei minhas pesquisas. Isso por conta do seu impacto positivo sobre a vida dessas pessoas; seu engajamento foi um exemplo e uma inspiração desde o primeiro momento. Não há na Academia pessoa que conheça melhor e que valorize mais o samba baiano do que Katharina. Já em termos mais pessoais, ela sempre acolheu o meu trabalho com seu entusiasmo contagiante e seu espírito de parceria. Obrigado, Katharina, por tudo até aqui, e ainda por ter aceitado prefaciar este livro com palavras tão generosas e motivadoras.

Thank you to my parents and my grandmother. Your unyielding support even at times when you weren't quite sure what I was doing or

where I was doing it has meant the world to me. Without you this project would never have made it this far. I love you so much.*

Por último, agradeço à minha família, a quem dedico este livro – mais exatamente a Fabiana e Marielle Douí. Fabiana, você acompanhou cada passo deste trabalho. Acompanhou-me na pesquisa desde o início, aprendendo a rezar comigo, aprendendo a cantar as cantigas comigo. E, quanto samba! Você ouvia e opinava sobre meus entusiasmos e minhas frustrações. Você sempre teve paciência enquanto eu escrevia e pesquisava. E, mesmo no último passo, você esteve presente. Mesmo com tantas outras demandas, dedicou-se a ler a última versão deste manuscrito e ainda ofereceu críticas, correções e sugestões incisivas e transformadoras. Obrigado por tudo. Marielle, você é uma inspiração contínua. Você é quem mais mantém viva uma das ideias principais do livro, de que a “alegria” nasce do “amor” e do “compromisso”.

* Sou grato aos meus pais e à minha avó. Seu apoio inabalável, mesmo que nem sempre entendessem exatamente o que eu fazia ou onde o fazia, tem sido tudo para mim. Sem vocês este projeto nunca teria chegado até aqui. Eu amo vocês demais.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	
<i>Katharina Döring</i>	15
INTRODUÇÃO – UMA TRADIÇÃO ATLÂNTICA	25
Festa 1 – O São Cosme de Dona Creuza (Faixa 1, Faixa 2, Faixa 3)	49
CAPÍTULO 1 – A REZA: DEVOÇÕES MUSICAIS DOMICILIARES	57
Festa 2 – O São Roque de Dona Raimunda (Faixa 4)	106
CAPÍTULO 2 – O ALTAR: A ARTE DE COLECIONAR	
RECORDAÇÕES.....	113
Festa 3 – O Santo Antonio de Dona Tânia (Faixa 5)	145
CAPÍTULO 3 – A NOVENA: AS ESTÉTICAS DO CANTO	151
Interlúdio 1 – Conhecendo as rezadeiras	165
CAPÍTULO 4 – A NOVENA: A LITURGIA EM MELODIA E TEXTO	177
Festa 4 – O São Roque de Seu Rezinho (Faixa 6).....	225
CAPÍTULO 5 – O SAMBA: A ALEGRIA DOS DEUSES E DA GENTE	231
Interlúdio 2 – Apontamentos históricos e historiográficos de um samba sagrado.....	257
CAPÍTULO 6 – O SAMBA: UMA ANÁLISE DO SAMBA DO SANTO...	273
CONCLUSÃO – UMA TRADIÇÃO BAIANA.....	317
BIBLIOGRAFIA	323

FAIXA 1 – “FESTA 1” – 1ª MOMENTO MUSICAL (14:18)

Caruru dos sete meninos, reza de São Cosme e Damião (Cachoeira, Bahia)

FAIXA 2 – “FESTA 1” – 2ª MOMENTO MUSICAL (43:14)

Novena e samba dos santos, reza de São Cosme e Damião (Cachoeira, Bahia)

FAIXA 3 – “FESTA 1” – 3ª MOMENTO MUSICAL (06:14)

O samba de roda dos Filhos do Caquende, reza de São Cosme e Damião (Cachoeira, Bahia)

FAIXA 4 – “FESTA 2” (37:28)

Novena e samba dos santos, reza de São Roque (São Félix, Bahia)

FAIXA 5 – “FESTA 3” (41:44)

Novena e samba dos santos, reza de Santo Antonio (São Félix, Bahia)

FAIXA 6 – “FESTA 4” (41:08)

Novena, reza de São Roque (Coqueiros, Bahia)

PREFÁCIO

Katharina Döring

Ler o livro do meu colega etnomusicólogo e amigo Michael Iyanaga levou-me a uma viagem – não, a várias viagens no tempo, um tempo que já conta mais de 21 anos, correndo atrás do samba de roda, particularmente do samba chula, o qual viria a ser a minha paixão nas pesquisas e nos projetos culturais com os mestres e as mestras do samba de roda do Recôncavo Baiano. Desde meu trabalho de mestrado,¹ em 2001-2002, e do Inventário e Dossiê do Samba de Roda que realizamos em 2004,² seguido pelo reconhecimento pela Unesco, em 2005, do samba de roda do Recôncavo como patrimônio imaterial da humanidade, muitas águas rolaram... e muitas pesquisas e projetos culturais sobre o samba de roda foram realizados e em parte publicados, abordando inúmeros aspectos dessa entidade ancestral, ambulante e metamórfica, que não chateia e não cansa... bambeia, rodopia, abre a roda outra vez e continua nova, como que nasceu ontem!

Porém, poucos trabalhos me emocionaram da maneira como o fez a excelente tese de doutorado em etnomusicologia, agora transformada em livro, publicado em língua portuguesa antes mesmo de ser lançado nos Estados Unidos! Michael Iyanaga nos conduz com maestria e

¹ Döring, 2002.

² Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_SambaRodaReconcavoBaiano_m.pdf>. Acesso em 28/4/2022.

sensibilidade por histórias contadas e vivenciadas no meio de rezadeiras e sambadeiras, rezadores e sambadores, com tanta cumplicidade e leveza, recheadas de tantas anedotas, detalhes e profundezas, que nos faz imergir no universo desse Recôncavo imenso e repleto de pequenos mundos: percebi-me transportada para o meio de casas, rezas, pessoas e rodas, que, na sua maioria, eu sequer conhecia pessoalmente e que ao mesmo tempo me eram tão familiares e vivas, que ressoaram juntas em minhas memórias. Sua imersão atenciosa, apaixonada e cuidadosa no campo, a qual testemunhei em alguns momentos, fez-me lembrar as sensações e impressões das primeiras idas à Ilha de Itaparica, que vibraram em cada célula do meu corpo, quando fazia a travessia!

A travessia – real e simbólica – embarcando na lancha no Mercado Modelo para Mar Grande era um ritual nos anos 2001-2005, desde quando conheci Mestre Gerson Quadrado, grande referência na capoeira antiga, e ainda no samba chula, como iria descobrir na primeira viagem. O primeiro contato no campo de pesquisa parece ser o mais impactante, e de fato foi minha “iniciação” no mundo do samba chula, na transição entre a capoeira Angola e o samba de roda, quando conheci, em 2001, Mestre Quadrado.³

Fiz a travessia pela primeira vez com minha filha Janaína Luanda, então com oito meses, no canguru, em maio de 2001, para participar da gravação de um CD-áudio⁴ com músicas ancestrais de capoeira baiana, cantadas pelo Mestre Quadrado, a convite do Mestre Jaime de Mar Grande⁵ e da Associação Cultural de Capuêra Angola Paraguassu. Encantada com a riqueza musical, acabei ajudando na produção final desse CD, incentivando a inclusão de duas faixas de samba de roda, o

³ Sua história está contada com mais detalhes em meu livro *Cantador de chula* (Döring, 2016).

⁴ CD independente: *Encanto banto num recanto da Ilha* (Associação Cultural de Capuêra Angola Paraguassu).

⁵ Grande referência na capoeira, construiu um legado lindo, preservando o patrimônio imaterial da Ilha de Itaparica. Disponível em <<http://vaidape.com.br/2017/03/mestre-jaime-de-mar-grande-capoeira-libertaria/>>. Acesso em 28/4/2022.

que foi acolhido de imediato pelo produtor fonográfico Richard Meyer. Quando escutei as chulas lindamente cantadas pelo Mestre Gerson Quadrado, ao lado dos Mestres Manteiguinha e Rimum, fiquei tão comovida que nunca mais parei de pesquisar sobre o samba chula. Mestre Quadrado foi um guardião da ancestralidade negra, para tudo que iria acontecer três anos depois, quando Carlos Sandroni foi convidado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para coordenar o Inventário do Samba de Roda. Seguiram-se muitas travessias e somaram-se sensações, impressões sensoriais, sons, cores, cheiros e gestos, acumulados nas andanças por Mar Grande e Gamboa, sobretudo na subida da ladeira de Santa Bárbara, passando pelo templo da Eubiose, visível de longe por sua pirâmide branca e reluzente, e finalmente chegando ao Alto do Riachinho; do lado direito ficavam a casa e o terreno amplo de Gerson Quadrado, cujo acesso se dava pelo pequeno bar na frente, no qual eu passava muitas horas conversando com o mestre, sua esposa Balbina e sua filha Ana, “Bebeu”, que participava do samba e da capoeira. As caminhadas prolongavam-se quando ia visitar também sua irmã mais nova, Dona Aurinda, que morava um pouco mais distante, na Ilhota, já a caminho para Gamboa, e que também tinha quatro filhas e muitos netinhos, assim como seu querido irmão Gerson. Inúmeros detalhes compõem minha memória, principalmente os objetos da casa e do bar, que pareciam pequenos troféus de suas vidas negras, repletas de saberes e ações culturais, sem que ninguém se interessasse por eles ou lhes desse valor, situação que mudaria um pouco alguns anos depois, quando o samba de roda se tornou alvo de políticas.

Trago essa memória para destacar o que encontrei como fio condutor maior e exitoso no presente livro, referente ao universo das rezas e dos sambas: a compreensão sensível da sua multidimensionalidade e territorialidade, e sobretudo da sua inserção numa paisagem sonora que ocupa com persistência, em possibilidades quase infinitas! O samba de roda se configura como um tecido sonoro orgânico que permeia as demais tradições e práticas cênico-poético-musicais-espirituais do grande Recôncavo e de toda a Bahia. Michael Iyanaga captou as múltiplas

essências e presenças das “rezas de samba”, ao longo de um processo minucioso e participativo de pesquisa de campo, que se estende para os demais aprendizados e andanças de ancestralidades africanas, entre o brincar, o labutar e o rezar, que não se separam em categorias impostas pela ciência. Assim é que, na introdução, o autor afirma:

Com base nesses dados, apresento um argumento contra o tradicional tratamento historiográfico do samba enquanto manifestação lúdica e profana. Insisto em que a presença do samba no contexto da reza não seria nada estranha dada a história de danças negras em contextos católicos. Ainda, o samba não seria “a parte profana” da festa sagrada, mas sim a própria devoção.

A concepção festiva sagrada manifesta-se na organização do livro em quatro “Festas” e dois “Interlúdios” (*inter-lúdicos...*) para tratar dos temas principais: a reza, o altar, a novena e o samba, como continuidades e capilaridades de um mosaico móvel maior. Essas festas e rezas formam narrativas e enredos que se constroem e dissolvem rapidamente como tecidos fluidos, invisíveis e imateriais, presentes na memória da comunidade e materializados em instantes nas ocasiões importantes, sem serem engessados e repetitivos, porque, conforme Iyanaga diz ainda na introdução, “cada devoção é, sem dúvida, um universo, com idiossincrasias, lógicas e contradições específicas, além de negociações complexas feitas entre as pessoas diante de condições materiais limitadas”.

O olhar eurocêntrico do materialismo científico que tomou conta das culturas do Hemisfério Norte, incluindo as culturas do pensamento e da concepção religiosa impregnada do cristianismo de várias vertentes, certamente corre o risco de cegar a percepção da etnografia que busca, consciente ou inconscientemente, detectar os sinais materializados de uma “verdadeira” tradição cultural e religiosa. Muitas pessoas forasteiras “chocam-se” com a “simplicidade improvisada” (para não dizer ou pensar “pobreza”), quando deparam com um território invisível e aparentemente desorganizado que se compõe de maneira milagrosa com todo o requinte, quando chega a hora, nas festividades baianas em suas múltiplas formas. Michael Iyanaga foi capaz de perceber além do aparentemente invisível

e pintar com as devidas matizes, cores e luzes, toda a riqueza e toda a intensidade das rezas, dos altares, dos cantos e versos, dos comes e bebes, das casas e, sobretudo, das pessoas de várias idades, as quais, em suas memórias, contêm as peças e as chaves para a materialização criativa da sua fé, que foge de qualquer dogma e padronização, porém se manifesta enquanto *performance* ritual numa coerência estética, poética, cênica e musical que se perpetua, sem que alguém tenha precisado ensinar ou decretar.

Além do conceito das “comunidades imaginadas”,⁶ que se insere mais especificamente na construção imaginária e política dos nacionalismos europeus da modernidade, Birgit Meyer sugere uma outra concepção para compreender a força da imaginação como construtora de “realidade”, mediante complexas expressões criativas de sentidos estéticos e religiosos que precisam ser sentidas por meio dos corpos:

De fato, para alcançarem esse efeito e serem vivenciadas como reais, é preciso que as imaginações se tornem tangíveis para além do domínio das ideias, com a criação de um ambiente social que as materialize através da estruturação do espaço, da arquitetura e da *performance* ritual e pela indução de sensações corporais [...]. Em suma, a fim de serem experienciadas como reais, as comunidades imaginadas precisam se materializar concretamente no ambiente vivido para que seus membros as sintam na própria pele.⁷

A crítica ao domínio das ideias como fator racional mais importante surge no meio de suas pesquisas no campo religioso e se confirma pela vivência e pela necessidade dos sentidos e das sensações mediante as sonoridades, *performances*, indumentárias, guloseimas e decorações (dos altares, entre outros), gerando o conceito de “formação estética” como fator que liga e religa as pessoas nas suas tradições orais e espirituais; “gerando sensibilidades e atitudes sensoriais que revestem essas

⁶ Anderson, 2008.

⁷ Giumbelli *et al.*, 2019, p. 50.

imaginações de uma sensação de verdade, precisamos adentrar a esfera mais ampla que corresponde ao que chamo de formações estéticas”.⁸ Meyer explica o conceito:

O termo “formação estética”, então, ressalta a convergência entre processos de formação dos sujeitos e de constituição de comunidades – como formações sociais. Nesse sentido, o termo “formação estética” captura muito bem o impacto formativo de uma estética compartilhada através da qual sujeitos são forjados pela modulação de seus sentidos, pela indução de experiências, pela moldagem de seus corpos e pela produção de sentidos; uma estética que se materializa nas coisas.⁹

Nesse sentido, afirmo novamente que Michael Iyanaga captou com maestria a formação estética da “reza do samba”, não deixando de lado nenhum detalhe, não desprezando nenhuma expressão subjetiva, seja no canto, seja nos toques, nas “ideologias sonoras” embutidas, na memória poética das rezas, nas preparações e nos comentários, antes, durante e depois, e sobretudo na descrição e na valorização dos altares, preciosidades íntimas de cada lar, “carregados de sentidos e afetos particulares” que precisamos honrar na sua complexidade e composição singela, com cada peça e cada imagem, na sua “lógica da aditividade”, trazendo um significado e uma história que talvez nunca será contada, mas que poderia ser imaginada! Emociono-me com a delicadeza das descrições e reflexões de Iyanaga, e trago um trecho aqui, retirado da conclusão, que assino embaixo:

Ainda, os passados e as memórias são colecionados nos altares de devotos e devotas. Cada imagem, cada fitinha, cada objeto ocupa um espaço no altar por seu sentido personalizado. A imagem de um santo representa não só o santo, mas também a memória de quem deu a imagem de presente ao devoto ou à devota, o porquê de aquele santo estar ali e as histórias associadas a

⁸ *Idem*, p. 51.

⁹ *Idem*, pp. 53-54.